

Título: A “visão háptica” como estética fenomenológica em Merleau-Ponty

Resumo

O núcleo fundamental da nossa comunicação visa reflectir filosoficamente sobre a “visão háptica” enquanto noção operatória e heurística da experiência estética. Para tal, partiremos dos pressupostos essenciais do pensamento filosófico de Merleau-Ponty, a saber a ideia de filosofia como *style*, maneira de ver o mundo e de capturar o *logos* sensível do mundo, a sua textura e a percepção como sendo já expressão; o corpo fenomenológico, enquanto oferta do filósofo e do artista, como «*logos* do mundo sensível», e presença primordial do nosso ser-no-mundo (*Dasein*). Esta ancoragem permitir-nos-á avançar a hipótese da visão háptica como gesto fundativo da «reabilitação ontológica do sensível» (Merleau-Ponty) e como leitura compreensiva dos fenómenos culturais e artísticos. Ainda que brevemente, convocaremos também para o debate conceptual a perspectiva de Deleuze sobre a questão.

Como expressão concreta desta possibilidade, procuraremos elaborar uma reflexão fenomenológica a partir do evento pictural e cinemático, onde a nosso ver, se dá de modo originário se mostra a visão háptica, enquanto refundação da subjectividade humana como intercorporeidade. Segundo Gilles Deleuze, a função háptica revela-nos que «é preciso levar ao pé da letra o que nos ensina a visão: que *por ela tocamos* o sol, as estrelas, estamos ao mesmo tempo em toda a parte, próximos tanto do distante quando das coisas próximas». Na verdade, em termos históricos, a expressão “háptica” aparece pela primeira vez nos estudos sobre estética do historiador de arte austríaco Aloïs Riegl. Deleuze apropria-se do conceito e expande-o no sentido da sua filosofia.

Na concepção fenomenológica merleau-pontiana o visível toca-me de todas as partes e o meu olhar é “palpação” do visível. Ver é como apalpar pelo olhar, pois «o olhar envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis» (Merleau-Ponty). O tocar, enquanto experiência sensível, torna-se o lugar fundamental para repensar a visão, a percepção e a própria espacialidade, o modo como vemos o que nos aparece, a coisa mesma. O óptico advém háptico. Há, portanto, uma função háptica inerente ao olhar. Esta função háptica, que não é somente a do olhar, como em Riegl, Deleuze ou em Maldiney, mas que para Merleau-Ponty está igualmente inscrita nas próprias coisas, permitindo uma fecunda intimidade entre o olhar entrelaçado do *corpo de carne* (*voyant*) e a *carne do mundo* (*visible*).

Assim sendo, podemos afirmar que olhamos com as mãos e apalpamos com os olhos. As mãos vêm e olhos apalpa. A pulsão do olhar (percepção) gera o movimento do corpo que se toca e toca as coisas do mundo. É-se tocado (passivo), pelo olho que vê, que leva ao tocar (activo). O olhar desnuda o corpo do outrem para contemplar o objecto desejado, como se o olhar fosse conduzido pela mão que deseja desnudar um corpo. Merleau-Ponty afirma, assim, depois de Freud, e antes de Deleuze, a função háptica do olhar. Quando Merleau-Ponty escreve que é preciso «reaprender a ver o mundo», não se trata de traduzir o que estamos a ver ou verbalizar o que vemos, mas que é preciso partir da coisa mesma, no fundo do seu silêncio, para que possamos ser conduzidos à sua expressão mais plena. Trata-se de levar ao extremo o que a visão nos ensina.

O termo háptico, conceptualizado essencialmente por Gilles Deleuze, no seu livro *Francis Bacon. Logique de la sensation*, para além de se dizer em diversos sentidos, trata-se de uma visão diferente da visão óptica. O nosso intuito fundamental é o de vermos até que ponto a expressão “visão háptica” poderá inaugurar uma nova compreensão da sensibilidade (*aisthesis*), e em que medida a poderemos tratar

filosoficamente a partir da “reabilitação ontológica do sensível” anunciada por Merleau-Ponty. Dizer que o corpo é vidente, é dizer que o corpo é visível, que se incorpora à totalidade do visível, porque tanto a visão como o tocar se faz do meio do mundo e de dentro do ser. O mesmo em mim é visto e vidente, tal como me toco tocante. Esta reflexão não se encerra na imanência de uma subjectividade desencarnada, mas, pelo contrário, ela abre o corpo de carne à carne universal do mundo.

A reversibilidade não diz respeito apenas ao ver e ao tocar, mas a qualquer sentido, porque ela é o modo originário da *re-flexão* e de pensar as coisas, do mundo em nós e de nós no mundo. Na verdade, tanto a filosofia como a arte são dois modos de pensamento, quer dizer de ordenar o caos do ser. A filosofia através da construção conceptual, a arte através da composição de sensações. Tanto uma como outra não abrem mão do infinito (caos), que procura pensar compondo e compor pensando. É inevitável, portanto, quer em Merleau-Ponty quer em Deleuze, ultrapassar a categoria de transcendência como aquilo que abre o Ser ao encontro inesperado do diverso. «É como uma passagem do finito ao infinito» (Deleuze).

Palavras-chave: estética – hapticidade – visibilidade – fenomenologia – corporeidade

Bibliografia mínima

Denis DIDEROT, *Lettre sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, texte établi par J. Assézat, Garnier, 1875-77, I, pp. 279-342.

Gilles DELEUZE – F. GUATTARI, *Qu'est-ce que la philosophie ?*, Éditions Minuit, Paris 1991, p. 171.

_____, *Francis Bacon. Logique de la sensation*, Éditions de la Différence, Vol. I-II, La Roche-sur-Yon 1981.

Henri MALDINEY, *Regard Parole Espace*, Cerf, Paris 2013.

Herman PARRET, «Spatialiser haptiquement : de Deleuze à Riegl, et de Riegl à Herder», dans *Actes Sémiotiques* 112 (2009), consulté le 20/03/2019, URL : <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2570>.

John BERGER, *Ways of seeing*, British Broadcasting Corporation and Penguin Books, London 1973.

Maurice MERLEAU-PONTY, *L'Œil et l'esprit*, Gallimard, Coll. «Folio essais», Paris 1964.

_____, *Le visible et l'invisible suivi de Note de travail*, Gallimard, Paris 1964, p. 174.

_____, *Phénoménologie de la perception*, Gallimard, Paris 1945.

Pierre RODRIGO, «Voir et toucher. L'optique, l'haptique et le visuel chez Merleau-Ponty», in Mauro Carbone (dir.), *L'empreinte du visuel : Merleau-Ponty et les images aujourd'hui*, MétisPresses, Genève, 2013.

René DESCARTES, *Dioptrique*, Vrin-CNRS, Paris 1964-1974.

Walter BENJAMIN, *L'Œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique (1939)*, Payot, Paris 2013.